

Uma análise da midiaticização da morte dos Mamonas Assassinas e Liam Payne: Aproximação inicial sobre a espetacularização do desastre e conceitos da violência direta na mídia¹

Isabelli Pereira Pinheiro²

Rafael de Jesus Gomes³

Universidade do Estado de Mato Grosso- UNEMAT

Resumo

Nesta pesquisa pretendemos realizar uma aproximação inicial ao conceito de espetacularização do desastre. A partir do vazamento na internet de fotos da morte da banda Mamonas Assassinas no Brasil, no ano de 1996 e do cantor Liam Payne da banda One Direction no ano de 2024. As duas histórias se encontram por meio da mesma divulgação ter sido feita por dois portais de notícia: o Noticia Populares e o TMZ. A partir de uma revisão bibliográfica que abrange temáticas como violência direta (Galtung, 1969) e ética jornalística, esperamos fomentar o debate para além do espetáculo de visualizações nesse lapso temporal e suas consequências para o campo jornalístico desde então.

Palavra-chave: Mortes; Violência; Mídia; Espetáculo; Ética.

Introdução

No campo da espetacularização midiática, é possível considerar que entre os principais critérios de noticiabilidade apontados por Wolf (2010) e Traquina (2012) A violência é, sem dúvidas, um dos principais destaques. Tão corriqueiro que inclusive Hannah Arendt (1906-1975) já dizia que falar de violências é tão comum que beira a própria obviedade.

Mas, e quando essas discussões extrapolam os limites éticos? Ainda mais em tempos digitais? Quais foram os efeitos e as consequências para o campo do trabalho jornalístico, sobretudo quanto à cobertura de violências, catástrofes, tragédias? Nosso ponto de partida é de que, em tempos de transposição, conhecidos como a primeira fase do jornalismo digital (Canavilhas, 1999; Mieniczuk, 2001) essas considerações ainda

¹ Trabalho apresentado na IJ01 – Jornalismo, da Intercom Júnior – 21ª Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante de Graduação, 7º Semestre, do Curso de Jornalismo da Universidade do Estado de Mato Grosso-UNEMAT, e-mail: isabelli.pinheiro@unemat.br

³ Orientador de Graduação, Prof. Do curso de Jornalismo da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), e-mail: rafael.gomes@unemat.br

estavam conectadas ao ambiente da experimentação e da exploração das ferramentas digitais, ainda em processo bem limitado.

Mas considerando os contextos que se passam anos depois, é preciso fazer um exercício de retomada sobre os erros do passado e observar esses elementos na atualidade. Para tanto, vamos observar como se deu a cobertura da tragédia envolvendo a morte do grupo Mamonas Assassinas em 02 de março de 1996 e a morte de Liam Payne (integrante da banda One Direction em 2024). Entendemos, nesse exercício, considerar os efeitos da cobertura de violência e tragédias nesse âmbito e como nesses dois momentos, a sanha social por morte e dimensão da tragédia possa ser capaz de suscitar debates sobre a veiculação das tragédias, enquanto espetáculo midiático (Fausto Neto, 2006)

A partir de uma revisão bibliográfica sobre temas como espetáculo (Debord, 1967, p 14); Violência direta (Galtung, 1969) e ética no jornalismo (Christofolletti, 2008) esperamos fomentar o debate acerca da circularidade de conteúdos digitais e seu compromisso (ou não) com o que podemos considerar como ético na cobertura e em conteúdos violentos nas redes digitais.

Falamos de Espetáculo e também de ética?

A sociedade é diretamente influenciada pela mídia por meio de sua representação da realidade simbólica. Guy Debord (1967) afirma que o espetáculo constitui uma parte central da sociedade contemporânea, concentrando nela todo o olhar e atenção, ao mesmo tempo em que representa uma falsa consciência. O autor explica:

A realidade considerada *parcialmente* reflete em sua própria unidade geral um pseudo mundo *à parte*, objeto de pura contemplação. A especialização das imagens do mundo acaba numa imagem autonomizada, onde o mentiroso mente a si próprio. O espetáculo em geral, como inversão concreta da vida, é um movimento autônomo do não-vivo. (Debord, 1967, p 14)

Debord (1967) também argumenta que o espetáculo está sob o comando dos meios de comunicação de massa. Assim, torna-se uma forma de propaganda e publicidade de uma sociedade irreal, que busca promover apenas a si mesma. Segundo o autor, a atividade econômica também caminha em conjunto com esse espetáculo, promovendo-se por meio da comunicação e da atração que ele exerce.

Nesse contexto, pode-se pensar sobre como o espetáculo do irreal recai sobre a mediação de cenas de morte, corpos e sangue. Ainda que se trate de uma representação da realidade "nua e crua", tais imagens atraem um olhar contemplativo, sendo, por isso, consideradas relevantes a ponto de serem divulgadas e consumidas.

Além disso, é preciso também considerar que enquanto critério de noticiabilidade vastamente trabalhado em demasia por diversos autores como Wolf (2010), Pena (2012) só para citar alguns, a violência é mais do que um mero valor-notícia, ela ativa o desejo e a curiosidade sobre até onde determinados elementos da condição humana são capazes de eviscerar o desejo pelo grotesco, ainda mais quando se fala de cobertura noticiosa de violências.

Ao tratarmos da cobertura jornalística de tragédias, mortes e outros acontecimentos de teor violento, sangrento ou intrigante, é necessário retornar à reflexão sobre a ética no jornalismo. Até que ponto é legítimo mostrar, relatar e noticiar tais eventos? Afinal, há uma linha tênue entre informar e exacerbar a exposição da imagem social.

Em *Ética no Jornalismo*, Rogério Christofolletti (2008) reforça que a ética jornalística é de interesse coletivo, sendo necessária não apenas para quem produz a notícia, mas também para quem a consome. Um deslize ético, segundo o autor, configura-se como uma falha grave.

Porque aqui se encontra a raiz do problema. Para o jornalista, o exercício ético da profissão é um exercício ininterrupto, constante e questionador a todo o momento da profissão. A escolha da fonte, o quão ela é comprometida, o comportamento do profissional, a forma como determinadas coberturas podem enviesar a opinião pública, como a linha editorial guia os comportamentos dos profissionais dentro e fora da redação, estes são fatores que deveriam pautar a decisão ética do profissional a todo o momento (Christofolletti, 2008)

Christofolletti (2008) também relembra o emblemático caso do fotógrafo Kevin Carter, que registrou a imagem de uma criança desnutrida, vulnerável diante de um abutre, em 1993, no Sudão. Apesar de ter recebido um prêmio pela fotografia, Carter foi duramente criticado por sua atitude. A principal questão levantada foi: por que fotografar em vez de ajudar a criança? Esse questionamento acompanhou o fotógrafo até o fim de sua vida, culminando em seu suicídio.

A reflexão proposta neste trabalho gira em torno da sociedade da imagem em que vivemos, na qual o ato de registrar para exibição posterior parece, muitas vezes, sobrepor-se à ação solidária e imediata diante do sofrimento alheio.

Em tempos de digitalização, ainda em meados dos anos 90 do século passado, o uso da internet nesse momento, como dissemos, ainda era um campo de experimentação. Poucos acessos e limitados recursos interativos (Mielniczuk, 2001). Entretanto, encontrou-se ali espaço para a promoção e circulação inicial de conteúdos de Cunhos Violentos, gerando um cenário de visibilidade para tragédias.

Com isso, a partir do visível sobre o sofrimento pode-se acionar o conceito de hiper-realismo, Baudrillard (1991) afirma que a sociedade contemporânea precisa de simulações da realidade constantemente para auto referenciar-se. Nesse sentido, todo e qualquer elemento que apresenta um simulacro da realidade sempre terá a aparência de real, na medida em que se mobiliza ações e contextos para isso. O autor cita como exemplo a Disneyworld (o imaginário social não equaliza, os funcionários, as jornadas exaustivas, os problemas sociais) apenas a aparência de que aquela realidade mágica é a que importa.

O mesmo pode ser traduzido dentro do processo de espetacularização da violência. Na medida em que a cobertura jornalística se preocupa em sua própria retórica, noticiar e insistentemente relembrar, o telespectador/ouvinte/internauta sobre o assunto, ao falarmos sobre violência ela já está inserida no campo do simbólico. Dessa forma, o desejo pelo consumo cada vez mais excessivo desse tipo de conteúdo se mantém mais constante.

E, em tempos de plataforma das relações (Saad, 2020) esse contexto se amplifica. Agora, não mais somente pelos efeitos da cobertura midiática tradicional, mas também por novos atores. Aqui, as *Big Techs*, acabam tomando corpo na medida em que a circularidade de conteúdos avança dentro das *timelines* dos usuários. O desejo por compartilhar/publicar em redes sociais digitais, de certo invisibiliza o real interesse das plataformas e o que se está em jogo aqui: O consumo do grotesco e da violência.

Van Dijk et al. (2017) e Saad (2020) concordam que o efeito das plataformas sobre a sociedade ainda está em construção, mas é fato que em um momento cujo algoritmos, Inteligências Artificiais, Arquitetura da Máquina são fatores que possibilitam ou não que determinado conteúdo apareça com mais frequência em tal

usuário do que em outro, só demonstra a série de problemas em que jornalistas e o jornalismo em si, se coloca nesses ambientes. Mas também, não podemos dizer que a circulação de conteúdos violentos nesses cenários não oferece uma oportunidade tanto para se debater os efeitos e as consequências do consumo de violências nesses contextos, como também problematizar questões éticas sobre a conduta jornalística diante desses contextos.

Análise de casos

A análise dos casos a seguir refere-se a integrantes de duas bandas famosas, tanto no âmbito nacional quanto internacional. Esses casos foram selecionados devido à grande repercussão que ambos tiveram e à diferença de 30 anos entre os episódios, sendo um ocorrido em 1996 e o outro em 2024. A proposta aqui é examinar o impacto social que tais eventos causaram, tanto entre os consumidores quanto nos veículos de comunicação que divulgaram as imagens dos falecidos.

O primeiro caso é o da banda Mamonas Assassinas, que atingiu o auge da fama em 1995 e teve suas atividades encerradas abruptamente em 1996, em decorrência de um acidente aéreo que resultou na morte de todos os seus integrantes. A banda era composta por cinco membros: Dinho, Bento Hinoto, Sérgio Reoli, Júlio Rassec e Samuel Reoli. Por estarem no ápice da popularidade, a morte dos integrantes causou um grande impacto na população brasileira, com inúmeros fãs em luto pela perda repentina.

No mesmo ano, o jornal Notícias Populares, conhecido por suas manchetes sensacionalistas, estampou em sua capa uma fotografia dos cinco integrantes mortos no local do acidente. A imagem gerou um intenso debate social, com muitas críticas que perduram até os dias atuais. No entanto, essa edição também bateu recordes de venda do periódico.

Silva (2023) lembra que o campo midiático é fator representativo do que é bom e também do que é ruim. A espetacularização da imagem cria no indivíduo o desejo por mais. Semelhante à Debbord (1967), a autora explica que a imagem adquire valor de uso e no capitalismo tardio, o consumidor desenvolve o fetiche por mais. É por isso que, segundo Silva (2023) o desejo por conteúdos que escancarem tragédias e violências se mantém tão constante. À época da tragédia envolvendo a banda Mamonas Assassinas, a internet foi um espaço utilizado para aumentar ainda mais esse desejo.

Outros veículos da época criticaram abertamente a forma como o Notícias Populares divulgou as imagens. O próprio autor da fotografia, Fernando Cavalcanti, chegou a declarar, em entrevista, que carrega dúvidas quanto à ética envolvida na publicação:

Eu nunca me culpei por ter feito aquelas fotos e já mudei de opinião várias vezes a respeito da sua publicação. Hoje, vivendo o ocaso de uma profissão moribunda, tenho a certeza de que jornalismo e entretenimento são duas coisas completamente distintas, que devem ser separadas por uma grossa linha vermelha. E que aquelas fotos que fiz do acidente dos Mamonas, ao contrário de tantas outras fotos de mortos que encerram alguma denúncia relevante, pertencem ao outro lado dessa linha. (Cavalcanti, 2018, s. p.)

O segundo caso analisado refere-se a um integrante da famosa boyband One Direction. Em outubro de 2024, Liam Payne caiu do quinto andar de um prédio em Buenos Aires, Argentina, o que resultou em sua morte e gerou comoção no meio musical. Inúmeros fãs da banda reuniram-se em luto que, para muitos, ainda persiste. Embora o grupo tenha encerrado suas atividades em 2015, ainda mantém uma legião de admiradores que sonhavam com uma futura reunião dos integrantes.

O portal TMZ (Thirty-Mile Zone), referência em conteúdo pop em Hollywood, divulgou em seu site fotos do cantor já sem vida, alegando que o objetivo seria identificar as tatuagens e o relógio de Payne, como forma de confirmar sua identidade. Após diversas críticas, a plataforma retirou a imagem do ar, mas não se pronunciou oficialmente sobre o caso.

Vale destacar que, embora as fotos tenham sido removidas, elas ainda circulam pela internet. Contudo, há um esforço coletivo entre os fãs para denunciar e relatar publicações que compartilham esse conteúdo.

Aqui, pode-se perceber que quase 30 anos depois, discussões como ética da profissão (Christofoletti, 2008) e até mesmo práticas de jornalismo para a Paz podem ter interferido sobre a não espetacularização da morte, com base nos conceitos tradicionais de Debbord (1967). O compromisso social dos sites de notícia em meio a circularidade da informação na contemporaneidade contribuiu para que algumas medidas como mostrar corpos sem vida sejam barradas mas, infelizmente a pulverização com que

conteúdos são distribuídos na internet ainda são fatores que dificultam o combate ao espalhamento desse tipo de conteúdo.

Pode-se com isso, também inferir que difere do caso dos Mamonas Assassinas, cujas imagens ainda podem ser facilmente encontradas em uma simples busca online, sendo o conteúdo original do Notícias Populares acessível mesmo após tantos anos.

Observa-se, portanto, uma evolução tanto digital quanto ética por parte da sociedade. Embora o Notícias Populares tenha divulgado as imagens sem impedimentos legais e ainda lucrado com a publicação, o TMZ, diante de um “linchamento digital”, optou por removê-las do ar.

Esses dois casos nos levam a refletir: até onde vai o papel da notícia? A notícia é a fotografia da morte ou a morte em si? E por que há tantos consumidores desse tipo de material?

De que tipologia de Violência falamos?

Segundo os conceitos de Galtung (1969) sobre violência, esta se apresentaria como uma oposição e negação da paz. Sendo assim, seria incorreto considerar apenas a violência direta e física, pois existem muitos aspectos em torno da simbologia do que pode ou não ser considerado violência.

Quando falamos de uma imagem violada, de algo como a morte, que é mórbida, assustadora e, de certa forma, intimista. Sua violação também se configura como um ato de violência. Isso nos leva a refletir sobre o consumo desse tipo de conteúdo.

Silva (2023) e Debbord (1967) já nos explicam que a espetacularização da imagem adquire valor em uma sociedade de capitalismo tardio e, cujo desejo por violência é constante. Quanto mais sangrenta, mais interessante; quanto mais horrível, mais olhares curiosos são atraídos. Isso alimenta uma mídia que reproduz, de forma exacerbada, essa exposição, muitas vezes de caráter macabro.

Há uma analogia possível com o processo de “lavagem cerebral” ao observarmos esse tipo de conteúdo sendo amplamente consumido. Quanto mais julgado, mais violado e mais curioso, mais atrai a atenção criando, assim, a ideia de que tudo bem compartilhar a foto, postar e utilizá-la para obter mais audiência. Afinal, por estar

vinculada a um portal de notícias, seria considerada material noticioso. Galtung (1969) discute como a violência psicológica se reproduz.

As guerras destroem os laços solidários entre iguais porém as palavras também geram guerras, já que muitos indivíduos morrem ainda que permaneçam com vida porque são negados, ocultados, destruídos por detrás de representações, de imagens construídas sobre eles que produzem repulsão e rechaço em quem as recebem. As lutas, tanto materiais como simbólicas, através das quais se tenta colocar limites visíveis entre os que possuem os bens socialmente valorados e aqueles outros que carecem deles acabam por engendrar uma cada vez mais acentuada violência. Essas lutas terminam por elevar uns e por submeter outros ao esquecimento, a desesperança, ao abandono, por matar-lhes de outra morte, a da ignorância, a da negação de seu direito de uma vida digna. É mister recordar que dói tanto a ferida como o desprezo, a chicotada como a indiferença (Lopez, 2021, p. 110-111).

Podemos observar que, mesmo com cerca de 30 anos de diferença entre dois casos divulgados, críticas foram recorrentes. Além dos fãs de ambas as bandas, que sentiram a invasão de privacidade inclusive no que se refere ao luto e à perda, pelo carinho que tinham pelos artistas, há também os fatores relacionados aos familiares, amigos e até figuras públicas. No caso de Liam, por exemplo, alguns famosos se manifestaram contrariamente à divulgação das imagens⁴. Um exemplo é a cantora Alessia Cara, que publicou em suas redes sociais: “*You’re gross, TMZ*”⁵.

Além da violência direta sofrida pelo próprio ser que existiu, há ainda uma segunda violência, pós-morte, com a exposição das imagens desses corpos que, mesmo após mortes violentas, são novamente violados por essa divulgação.

Considerações finais

Após a aproximação inicial aqui realizada, podemos observar que existe ainda um certo desdém com a divulgação de imagens dentro dos portais de notícia. Por mais

⁴ Após o avanço do jornalismo digital foram ampliadas as discussões e participação dos usuários que fortificaram os combates sobre esse excesso de exposição. Caso que não foi observado no período da banda Mamonas Assassinas.

⁵

https://x.com/alessiacara/status/1846682483426738685?ref_src=twsrc%5Etfw%7Ctwcamp%5Etweetembled%7Ctwterm%5E1846682483426738685%7Ctwgr%5E9fa9c99c5f4333347026a93a93b824ccc5ce8f49%7Ctwcon%5Es1_c10&ref_url=https%3A%2F%2Fwww.otempo.com.br%2Fentretenimento%2F2024%2F10%2F17%2Falessia-cara-detona-site-famoso-por-publicar-fotos-do-corpo-de-l

que exista um certo linchamento e cobrança, ainda há um espaço para que esse tipo de conteúdo seja divulgado e consumido. Afinal, o Notícias Populares ficou amplamente conhecido pela divulgação das fotos, ou seja, uma população que tende a procurar o sangue, a morte, dando espaço para esses sites e empresas utilizarem da desculpa noticiosa para tal ato.

A ética jornalística se perdeu entre as narrativas do imaginário e do verdadeiro, deixando que a publicidade e o estrelismo falem mais alto que o fato em si. Não é, e nunca foi, de necessidade pública ver fotos da pessoa morta para comprovar conteúdos noticiosos. As fotos são um apoio, não o conteúdo em si. Fica uma reflexão aqui de como a sociedade do consumo, do estrelismo, das telas e, principalmente, da fotografia e do espetáculo, não tem mais o filtro necessário na hora de pegar, sim ou não, a câmera e registrar e muito menos na hora de compartilhar.

Os dois casos não são isolados: Princesa Diana, o cantor sertanejo Cristiano Araújo, a cantora Marília Mendonça, Michael Jackson e outras diversas figuras públicas tiveram e passaram por essa exposição desnecessária, trazendo revolta para famílias e amigos de luto. E, para além dos famosos, temos o caso de pessoas comuns que, diariamente, têm suas imagens divulgadas em grupos de WhatsApp, redes sociais, por portais antiéticos que utilizam da imagem jornalística para justificar o ato.

Referências

BAUDRILLARD, J. **Simulacros e simulação**. Lisboa: Relógio D'Água, 1991

CANAVILHAS, J. M. **Considerações iniciais sobre o jornalismo na web**. 1999, Disponível em: < <http://bocc.ufp.pt/pag/canavilhas-joao-webjournal.pdf> > acesso em 02 jul. 2025.

CHRISTOFOLETTI, Rogério. **Ética no jornalismo**. São Paulo: Contexto, 2008. e-book. ISBN 978-85-7244-519-1.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1967. 237 p. ISBN 85-85910-17-8.

FAUSTO NETO, A. Comunicação das organizações: da vigilância aos pontos de Fuga. In: OLIVEIRA, I. De L; SOARES, A. T. N. (org). **Interfaces e tendências da comunicação no contexto das organizações**. São Caetano do Sul, SP: Difusão, 2008.

GALTUNG, J. Violence, peace and peace research. **Journal of Peace Research**, v. 6, n. 3, p. 167-191, 1969.

LOPES, Felipe Tavares Paes. **Os conceitos de paz e violência cultural: contribuições e limites da obra de Johan Galtung para a análise de conflitos violentos**. *Athenea Digital: Revista de Pensamiento e Investigación Social*, Barcelona, v. 13, n. 2, p. 169–177, jul. 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.5565/rev/athenead/v13n2.1068>.

MARCON, Lucia Carla Gomes; SANTOS, Mariane Vargas dos; PRANDI-GONÇALVES, Maria Beatriz R. A construção de simulacros na imagem contemporânea. *In Revista In Revista*, [s.l.], 7,5 anos atrás. Disponível em: <https://revistas.unaerp.br/inrevista/article/view/1368>.

TRAQUINA, N. **Teorias do Jornalismo** – Porque as notícias são como são. 3. ed. vol. I. Florianópolis: Insular, 2012.

MIELNICZUK, L. **Características e implicações do jornalismo na web**. 2001. Disponível em: < https://facom.ufba.br/jol/pdf/2001_mielniczuk_caracteristicasimplicacoes.pdf > acesso em 08 jun 2025.

PENA, F. **Teoria do Jornalismo**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

SAAD, B. A plataformização das relações sociais: reflexões sobre a ressignificação da atividade comunicativa. In: FARIAS, L. A. de; LEMOS, E; REBECHI, C. N. (orgs) **Opinião pública, comunicação e organizações**. Convergências e perspectivas contemporâneas. 2020.

SILVA, T. C. R. **A espetacularização da violência pela mídia**. 2023. Monografia defendida pela Graduação em Psicologia da UFG. Disponível em: < <https://repositorio.bc.ufg.br/riserver/api/core/bitstreams/0597d00f-272c-4f8a-9933-ec661a97427a/content> > acesso em 02. Jul. 2025.

VAN DJICK, J; POELL, T; DE WALL, M. **The Platform Society: Public Values in a Connective World**. NY: Oxford University Press, 2018.

WOLF, M. **Teorias das Comunicações de Massa** – Trad. Karina Janini. 4. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.